

RESENHA

SMITH, PATTI. *DEVOÇÃO*. TRADUÇÃO DE CAETANO GALINDO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2019. 144P.

Dr. LUÍS ROBERTO AMABILE
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
(luis.sousa@pucrs.br)

CONTEXTO

A Escrita Criativa, área em expansão no meio acadêmico brasileiro¹, abarca tanto a formação de escritores em diversas modalidades quanto pesquisas que visam compreender como ocorrem os processos associativos entre escrita e criação. Para os estudiosos desse segundo aspecto, são bem-vindas as publicações de ensaios pessoais em que escritores reconhecidos narram e comentam como engendraram suas obras – pode-se considerar também que a leitura de tais obras contribui para a formação do escritor. Esse viés, o dos interessados em Escrita Criativa, seja como produtores de literatura, seja como pesquisadores, mostra-se o mais adequado para a análise de *Devoção*, de Patti Smith, um livro publicado no Brasil, provavelmente, pela fama da autora não só no mundo das Letras.

Apesar de ter sofrido alguns percalços², a carreira musical de Patti Smith lhe trouxe, por quase quatro décadas, mais reconhecimento do que a literária. Ela se tornou uma estrela do rock nos anos 1970 e esse atributo era o que mais chamava atenção em sua biografia, até que em 2010 publicou o livro de

¹ Tenho documentado tal expansão em artigos como “Será Porto Alegre uma festa? Elucubrações sobre lugares que fomentam a criação literária”. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/35952>. Acessado em: 10 jan. 2022.

² Smith caiu do palco em 1977, machucou o pescoço e precisou cancelar shows por alguns meses. Também se afastou do mundo da música durante a década de 1980, para poder se dedicar à criação dos filhos. Voltou completamente à ativa apenas em meados da década de 1990 (JOHNSTONE, 2012).

memórias *Só garotos*. A obra, que recupera os primeiros anos da autora em Nova Iorque, recebeu o National Book Award, um dos principais prêmios literários dos Estados Unidos. Ainda no campo da não ficção, a publicação de *Linha M* (2015), um misto de diário do tempo presente e recapitulação de episódios e pessoas do passado, consolidou a carreira literária de Smith. Evidência dessa consolidação é que em 2017 ela foi convidada pela Universidade de Yale para fazer o discurso de abertura na cerimônia de entrega dos Prêmios Windham-Campbell, destinados a escritores emergentes. O discurso, proferido a cada ano por um autor consagrado, deve tomar como ponto de partida a pergunta: “Por que escrevo?”. Naquele mesmo ano, a editora da universidade decidiu publicar os discursos e o do Patti Smith foi o escolhido para inaugurar a coleção. Nesse contexto surgiu *Devoção*, obra incomum, pois, apesar de curta³, está dividida em três partes e mistura não ficção e ficção.

A ESTRUTURA DA OBRA

Devoção, que na edição brasileira tem 144 páginas no formato de bolso, pode ser descrita como uma pequena novela precedida de um relato pessoal sobre a composição e precedida de um apêndice sobre as motivações da criação literária. Há também um anexo composto apenas por fotos dos manuscritos.

A primeira parte é uma espécie de diário de bordo de uma viagem à Europa. A autora cumpre compromissos profissionais e, nas horas vagas, visita lugares relacionados a escritores que admira. O texto, permeado por fotos, balanceia a narrativa da viagem com reflexões sobre a escrita. Intitulada “Como a mente funciona”, essa parte indicia que, no tocante à criação, a mente de Patti Smith funciona de modo associativo, enquadrando-se na afirmação de Cecilia Almeida Salles de que, no estudo do processo criativo, observa-se uma “não linearidade que nos leva ao conceito de rede, embora este abarque muitas outras questões” (SALLES, 2021, p. 8). O texto de Smith começa com um preâmbulo cuja primeira frase afirma que o impulso para escrever é uma incógnita: “As setas voam e não se percebe o impacto, nem percebe que todo um elenco de catalisadores, uns independentes dos outros, reuniu-se de modo clandestino para formar um sistema singular [...]” (SMITH, 2019, p. 9). A seguir, alguns dos catalisadores são explicitados em quatro capítulos curtos. No primeiro, Patti Smith está em casa, em Nova Iorque, preparando-se para a viagem de trabalho à França, onde passará uma semana participando de eventos literários e

³ A primeira edição brasileira foi elaborada em 2018 numa parceria da Tag Experiências literárias com a Companhia das Letras. Tinha 126 páginas no formato livro de bolso – 11 x 16 cm – e foi distribuída apenas para os assinantes da Tag. Em 2019 a Companhia das Letras lançou a obra para público em geral, acrescida de quase duas dezenas de páginas com fotos de manuscritos de Patti Smith.

conversando com jornalistas e editores. Lembra então que na noite anterior, zapeando a tevê, deparou-se com o trailer de um filme estoniano chamado *Risttuules*⁴. O cenário do filme são as fazendas coletivas da Sibéria, uma paisagem que, apesar de gélida, aqueceu a imaginação da escritora: “Era o começo de alguma outra coisa, mas naquele momento eu não sabia” (SMITH, 2019, p. 13). No seguindo capítulo Smith já está em Paris. Como chega de tarde e não tem compromisso agendado, deambula por Saint-Germain-de-Prés. De volta ao hotel, abre a biografia da escritora e filósofa francesa Simone Weil, lê um pouco, depois assiste à tevê, adormece e, ao acordar, a tela ainda acesa mostra uma moça loira num campeonato de patinação. O terceiro capítulo fala do dia subsequente, quando de manhã vai ao escritório da editora Gallimard e participa de uma entrevista coletiva; à tarde passeia pela cidade em busca da casa onde Simone Weil morou. Ao encontrá-la, pensa em Albert Camus, um admirador da obra de Weil. E ainda, ao caminhar por Paris, lembra-se das ruas retratadas nas obras de Patrick Modiano. Nesse capítulo, Smith também relata a viagem a Sète, no sul do país, para falar num evento. Uma vez na cidade, aproveita para visitar o cemitério onde está enterrado o poeta Paul Valéry. Ali a palavra *Devouement*, que vê gravada numa das lápides, lhe chama a atenção. Pergunta o significado ao amigo que a acompanhava: “Devoção”, ele responde. O capítulo se encerra quando, antes de tomar o trem de volta a Paris, a autora sente que “uma vertigem inesperada, apesar de bem conhecida, toma conta de mim” (SMITH, 2019, p. 33). A vertigem é a ideia para uma narrativa que, enquanto o trem percorre veloz os trilhos até a capital francesa, Smith se põe a escrever “alucinadamente, como se tivesse ressuscitado de um mar de lembranças” (SMITH, 2019, p. 33). No terceiro e quarto capítulos – uma viagem à Inglaterra para visitar o túmulo de Simone Weil e o retorno para casa em Nova Iorque –, a narrativa imaginada no trem continua a ocupar seus pensamentos.

Como Smith assinala, quase sempre a origem de uma obra se camufla na própria obra ou fica “incrustada nas serpenteantes cordilheiras da mente” (SMITH, 2017, p. 42). Mas dessa vez ela podia rastrear de onde vieram os elementos aleatórios que se misturam e fermentam gerando o texto literário. Dessa vez, foram as vivências daquela semana na Europa:

Eu estava em busca de uma coisa e encontrei outra coisa, o trailer de um filme. Movidas por uma voz sonora mas estrangeira, jorraram palavras. Entrei numa jornada atraída por um jukebox de luzes que evocaram uma sinfonia de pontos de referências. Penetrei num mundo que nem era meu, errando pelas ruas abstratas de Patrick Modiano. Li um livro, conheci o ativismo místico de Simone Weil. Assiste a uma patinadora, absolutamente seduzida. (SMITH, 2017, p. 42)

⁴ O filme, de 2014, dirigido por Martti Held, teve o nome traduzido no Brasil como *Naventania*.

Tudo isso, de alguma forma, está na novela, que se chama *Devoção* e compõe a segunda parte do livro. A história, narrada com focalização onisciente, apresenta como personagem central Eugênia, uma adolescente nascida na Estônia, mas que foi levada ainda criança para viver na Rússia. Seus pais foram perseguidos e mortos pelo regime soviético e ela foi criada pela tia até estar prestes a completar 16 anos, quando a tia vai embora com um homem que lhe propõe casamento. A narrativa começa nesse ponto. Eugênia, “uma Simone Weil mais miudinha” (SMITH, 2019, p. 50), fica sozinha e tudo que deseja é patinar; apenas a patinação no lago vizinho à casa lhe traz momentos de felicidade. Logo, porém, com a chegada da primavera, o lago vai derreter, assim como o dinheiro deixado pela tia vai acabar. Pouco antes que isso ocorra, aparece um homem mais velho que lhe promete arranjar tudo para que ela fique apenas patinando. Eugenia sentindo-se “ao mesmo tempo libertada e presa numa armadilha” (SMITH, 2019, p. 69), aceita. Vai morar com ele, deixa que ele a sustente, torna-se sua amante. Em troca, ele contrata uma instrutora de patinação e paga as aulas numa arena coberta onde se pode patinar em todas as estações do ano. Contudo, “a história deles não podia se encerrar, apenas se espedaçar” (SMITH, 2019, p. 83), o que acontece quando o homem tenta levar Eugênia para viver nos Estados Unidos, no estado da Filadélfia, onde ela não vai poder patinar, pois apenas “existem poças fundas e salgadas que jamais congelam”. A relação abusiva se encaminha para um fim trágico, após o qual Eugênia, “ao reviver aquele momento, por fim chorou não a perda dele (*do protetor*), mas a perda da inocência” (SMITH, 2019, p. 108).

A novela dividiu a crítica. A frase citada no parágrafo anterior, por exemplo, foi considerada um dos vários clichês que permeiam o texto. Por outro lado, a narrativa recebeu elogios por retratar uma situação assustadora⁵. Julgamentos de valor estético à parte, chama a atenção que Patti Smith, uma escritora reconhecida pela excelência de sua prosa de não ficção, quando instada responder à pergunta “por que escrevo?”, tenha resolvido usar como parte de sua resposta uma narrativa ficcional. Vale perguntar: não teria sido melhor tomar como referência suas “histórias verdadeiras bem contadas”⁶ em vez de se aventurar num gênero que ainda não domina tanto? Com certeza teria sido menos arriscado. Por outro lado, se, de acordo com a autora, “a inspiração é a incógnita da equação, a musa que assola na hora oculta” (SMITH, 2019, p. 9), ela está sendo fiel ao que acredita. Ao fim e ao cabo, *Devoção* – o livro como um todo, não apenas a novela – mostra-se relevante para os interessados no eixo de estudos em Escrita Criativa. Mesmo sendo um relato pessoal e sem

⁵ Veja-se, por exemplo, a resenha negativa de Michael Lindgren, no *Washington Post*, e a positiva de Suzy Feay, no *Financial Times*.

⁶ Esse é o modo mais simples e eficaz de definir “não ficção criativa” ou “Escrita Criativa de não ficção” (GUTKIND, 2012).

preocupações acadêmicas – ou quiçá justamente por isso –, a primeira parte, ou seja, o relato da viagem à Europa, tomado com peça de não ficção, consegue captar o processo de criação da novela ficcional. Nesse sentido, trata-se de uma espécie de crítica genética empreendida pela própria autora, que vai explicitando aos leitores a “pletora de provocações” (SMITH, 2019, p. 43) que a conduziram na campanha de escritura – eis um modo de ver a obra que justificaria também a publicação das fotos dos manuscritos.

No mais, a primeira parte e a segunda ilustram *como* Patti Smith escreve, mas não respondem à pergunta norteadora: *por quê?* Apesar de questionar se seria possível a separação entre o *como* do *por quê?*, Smith o faz, deixando para a terceira parte a abordagem da razão pela qual produz literatura.

AS MOTIVAÇÕES DA ESCRITA

A terceira parte, “Um sonho não é um sonho”, tem somente 10 páginas e retoma o tom de ensaio pessoal, mesclando narrativa e reflexão numa linguagem informal. Começa com a autora reelaborando a pergunta que motivou a obra: “Por que alguém se sente impelido a escrever? A se isolar, a se envolver num casulo, no êxtase de sua solidão, malgrado as necessidades dos outros?” (SMITH, 2019, p 116).

Trata-se, na verdade, de uma das grandes questões para estudiosos da criação literária. Por que alguém, para usar as palavras de professor francês de Escrita Criativa Alain André, “adentra a escrita”? Qual a atitude necessária para tanto?⁷

Na visão de Smith, não se alcança a literatura sem “anos de esforços abortados, euforia esvaziada, passos incansáveis pelo chão”. Ainda assim, as pessoas insistem e escrevem na esperança de “dar voz ao futuro, revisitar a infância e para dar rédea curta às loucuras e aos horrores da imaginação” (SMITH, 2019, p 116).

Mas por quê?

Patti Smith conta que quando estava em Paris recebeu um convite da filha de Albert Camus para visitar a casa de família, na Provença. Ficou hospedada no quarto que foi do filósofo escritor, um quarto, diz Smith (2019, p. 118), que para Camus era “um santuário [...] onde ele trabalhava em sua obra prima inacabada, *O primeiro homem*, exumando seus ancestrais, tomando posse de sua gênese pessoal.”. Ela se emociona ao folhear a manuscrito do livro que Camus estava escrevendo quando morreu, em 1960, porque podia “perceber uma missão concentrada e um coração acelerado impulsionando as últimas palavras do parágrafo” (SMITH, 2019, p. 121). Depois, caminhado sozinha pela

⁷ André nomeia uma das três partes de seu livro *Devenir Écrivain de Entrer en Écriture* –, no qual fala da atitude necessária para escrever literatura.

pequena cidade – Lourmarin – onde se localiza a propriedade da família Camus, imagina-o fazendo o mesmo trajeto, pensando em “compor uma obra que comunique em vários níveis” (SMITH, 2019, p. 123), sonhando em escrever algo que justificasse “tribulações e indiscrições”, provando, de alguma forma, “por meio de palavras reordenadas”, a existência de Deus. Tal divagação a faz encontrar a resposta à pergunta norteadora, resposta que é também a última frase do livro: “Escrevemos porque não podemos apenas viver”.

REFERÊNCIAS

AMABILE, L. R. Resenha: *Devenir Écrivain – et se faire publier*. ANDRÉ, A. Colaboração de Nathalie Hegron. Paris: Leduc. S, 2018. 480 p. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 3 (2019), p. 281-288. Disponível em <<https://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/1405>>. Acesso em 5 jun. 2021.

AMABILE, L. R. Será Porto Alegre uma festa? Elucubrações sobre lugares que fomentam a criação literária. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 24-31, jan./jun, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/35952>. Acessado em: 10 jan. 2022.

GUTKIND, L. *You can't make this stuff up - The complete to writing creative nonfiction - from memoir to literary journalism and everything in between*. New York: Da Capo Press/Lifelong Books, 2012.

FEAY, S. "Devotion by Patti Smith — fever dreams", *Financial Times*, Londres, 15 set. 2017. Disponível em <https://www.ft.com/content/719c3c1c-9881-11e7-8c5c-c8d8fa6961bb>. Acesso em: 29 maio 2021.

JOHNSTONE, N. *Patti Smith: A Biography*. Londres: Omnibus Press, 2012.

LINDGREN, M. "Patti Smith's 'Devotion' — equal parts exasperating and inspiring". *Washington Post*, Washington, 31 ago. 2017. Disponível em https://www.washingtonpost.com/entertainment/books/2017/08/31/8a3775b8-8c27-11e7-91d5-ab4e4bb76a3a_story.html. Acesso em: 29 mai. 2021.

SMITH, P. *Devoção*. Tradução de Caetano Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SALLES, C. A. Processo de criação como práticas geradas por complexas redes em construção. *Scriptorium*, v. 7 n. 1 (2021). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/42169>. Acessado em 28 abr. 2022.

Texto recebido em: 31 jan. 2022.
Aceito em: 23 fev. 2022.

LUÍS ROBERTO AMABILE é doutor em Teoria da Literatura (2017) e em Escrita Criativa (2020). É autor de diversos trabalhos acadêmicos e livros literários como *O amor é um lugar estranho* (2012, finalista do Prêmio Açorianos), *O livro dos cachorros* (2015, contemplado na chamada para publicação do IEL/RS) e *O lado que não era visível para quem estava na estrada* (2020, vencedor do Prêmio Minuano). Também colaborou com Luiz Antonio de Assis Brasil em *Escrever ficção* (2019). Conduz a pesquisa A didática da Escrita Criativa, no âmbito da qual organiza o Colóquio de Escrita Criativa. Coordena a série Escrita Criativa, da EdiPUCRS, que publica livros sobre o tema. Orienta trabalhos nas áreas de Letras, Escrita Criativa e Educação Transformadora, com ênfase em teoria da Escrita Criativa, não ficção, crônica e conto.